

Resenhas

BRAIT, Beth. Ironia em Perspectiva Polifônica. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996.

Elisa Guimarães*

Dentro da visão dialógica de Mikhail Bakhtin – de quem Beth Brait é leitora constante e atenta – e à luz da tese bakhtiniana segundo a qual todo discurso tem mão dupla, a autora explora na obra *Ironia em Perspectiva Polifônica* os processos configuradores da ironia.

Em ritmo de perfeita didática, logra apreender o fenômeno irônico sob faces diversas, e o equilibra num meio-termo entre sua conceituação e suas possibilidades de concretização.

Para conceituá-lo e defini-lo, a pesquisadora percorre toda uma linha diacrônica na qual surpreende, de Aristóteles a Bergson, a sabedoria dos pensadores posicionando-se diante da ironia, à qual conferem ora uma dimensão essencialmente filosófica, ora uma estatura de natureza lingüística, tal como faz Bergson.

Com essa herança dos clássicos, a Autora sintoniza contribuições de teorias modernas da análise do discurso – o que empresta à obra o valor de substancial fonte de informação.

É, pois, nas malhas de uma sintonia entre tradição e modernidade que o leitor de *Ironia em Perspectiva Polifônica* passa a captar a diversidade de definições passíveis de serem atribuídas ao fenômeno da ironia.

Assim, se identificada como um processo discursivo intertextual, é possível definir a ironia como confluência de discursos ou cruzamento de vozes e, decorrentemente, como canal instaurador de polifonia.

Forma indiscutivelmente particular de interdiscurso, o procedimento irônico compromete-se, talvez por isso mesmo, com o fato de sugerir

(*) Universidade de São Paulo.

variedade de significados dentro de um esquema marcado pela ambigüidade. As imagens, que o substituem e povoam, figuram caracterizadas por uma ambigüidade constitutiva.

A Autora, ao mesmo tempo que recolhe elementos para uma definição incontroversa da ironia, insiste na descrição desse quadro ambíguo em que se acomoda o procedimento irônico sugerindo diversidade de sentidos.

Aponta ainda algumas decorrências desse traço, lembrando, por exemplo, o comprometimento do texto, que exhibe a ironia como categoria que o estrutura, com as condições do leitor em relação a sua maior ou menor possibilidade de apreensão do sentido. Fato que se condiciona à convivência, à perspicácia e à memória do leitor do texto.

À luz dessa consideração, Beth Brait recapitula, por certo, a tese de que o discurso de um falante nunca se esgota em si mesmo, mas se completa na réplica do outro, ou percebe sua carência na fala do outro.

Outros recursos são explorados pela Autora para apresentar em traços magistralmente definidos o perfil da ironia. Assim, define-a como um processo metaenunciativo que diz respeito às relações entre o sujeito e sua linguagem.

Linguagem esta denunciadora de um ponto de vista, ou mesmo instrumento de argumentação indireta, no exercício da arte de persuadir.

À luz dessa reflexão, Beth Brait complementa os aspectos definidores da ironia, situando-a ainda como instrumento auxiliar no desvendamento de valores morais, culturais e sociais de uma dada sociedade. Pela ironia – espécie de entre-lugar de discurso – as culturas podem registrar suas formas de viver as estruturas do real.

Explorados os fatores e os efeitos que, integrados, podem constituir-se como dados para definição de ironia, a Autora passa a examinar as possibilidades de concretização do fenômeno irônico.

Transpõe, assim, para o nível da prática a rica fundamentação teórica que alicerça a análise não menos rica, com a qual a Autora complementa a obra.

Seleciona para a análise dois textos inteiramente diferentes entre si – o texto jornalístico e o texto literário. Seleção feita com finalidade bem determinada, conforme declaração da própria Autora: “São textos que representam extremos do que se pode considerar “subjetividade” e “objetividade”, no que diz respeito à mobilização de recursos produtores de efeitos de sentido” (p. 16).

Do texto jornalístico Beth Brait recolhe elementos que o situam como eloqüente amostra de ironia – esta identificada como estratégia passível de assumir diversos significados.

Ainda que por natureza discurso referencial, informativo, objetivo, portanto infenso à ambigüidade, o discurso jornalístico, conforme a Autora ilustra com abundância de exemplos, pode sugerir, na sua composição verbal conjugada com o recurso da imagem, um efeito ambíguo próprio do procedimento irônico, da crítica indireta.

Para explicação desse fato, Beth Brait recorre à teoria bergsoniana de interferência de séries, afirmando que “no discurso, a função referencial, informativa, dependendo do ângulo de análise, pode colocar-se num segundo plano, cedendo o destaque para as representações imaginárias, ideológicas, que necessariamente constituem o discurso, a linguagem (p.41).

O segundo grande interesse da parte analítica da obra concentra-se na análise do romance *Madame Pommery*, do autor brasileiro, Hilário Tácito – pseudônimo de José Maria de Toledo Malta.

Aplicam-se aqui, com propriedade e força persuasiva, as teorias que compõem o arcabouço teórico que fundamenta as afirmativas contidas na obra.

Assim, o romance de Hilário Tácito, escrito em 1919 e publicado em 1920, passa a ser objeto de minucioso exame do qual decorrem límpidas constatações.

A primeira das constatações situa a ironia como elemento estruturador do romance. Aliás, é em torno dessa tese que Beth Brait disciplina os demais aspectos explorados no exercício da análise, a qual

ênfatisa a postura ambígua do narrador dimensionando, a um tempo, um efeito irônico e uma concepção literária inovadora.

Salienta-se aqui a importância do papel da ironia enquanto sustentáculo das propostas e da organização do texto – este encerrando fartamente os procedimentos que caracterizam a ironia.

Ironia que, em relação ao romance em análise, a Autora classifica de “combativa e hilariante”.

Eis, em síntese, algumas das principais linhas que estruturam e dinamizam as idéias exploradas no livro *Ironia em Perspectiva Polifônica*, de Beth Brait.

É justo que a Autora se sinta recompensada pelos louváveis méritos da obra: a solidez da fundamentação teórica, a clareza da exposição, a propriedade da exemplificação, a pertinência da análise.